



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA**

Autorizada pelo Decreto Federal nº 77.496 de 27/04/76  
Recredenciamento pelo Decreto nº 17.228 de 25/11/2016



**PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO**  
COORDENAÇÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

## **XXIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UEFS SEMANA NACIONAL DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA - 2020**

### **O LEGADO LINGÜÍSTICO DOS TAPUIAS NO SERTÃO BAIANO**

**Luan Oliveira Mendes<sup>1</sup>; Rejane Cristine Santana Cunha<sup>2</sup>**

1. Bolsista PIBIC/CNPq, Graduando em Letras com Inglês,, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: luanmendx@gmail.com
2. Orientador, Departamento de Letras e Artes, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: resantana110@hotmail.com

**PALAVRAS-CHAVE:** lingüística histórica; etnolinguística; família Kiriri

### **INTRODUÇÃO**

A história colonial brasileira apresenta um episódio de glotocídio vivido pelos povos indígenas, desde o período de catequização, realizada pelos inacianos, até a proposta integracionista do extinto Serviço de Proteção do Índio (SPI), para a qual a língua falada pelos povos indígenas brasileiros era vista como obstáculo para o processo de “civilização”. Embora visto como estudo hipotético, o tronco Macro-Jê de famílias linguísticas do nordeste da Bahia, que, mediante pesquisas, encontram-se extintas, a exemplo da família Kiriri, conta com boa documentação do fim do século XVII e início do século XVIII.

Este trabalho busca, tendo como principal referência a Arte de Grammatica da Lingua Brasilica da Naçam Karirí (1699), escrita pelo padre jesuíta Luiz Vincencio Mamiani, identificar possíveis ocorrências de vocábulos de origem Kiriri, do tronco Macro-Jê, em situações cotidianas de uso no sertão baiano, a fim de investigar se há a língua encontra-se, de fato, extinta.

Além de professores e pesquisadores da área, a pesquisa é de interesse dos índios de aldeias descendentes de falantes das línguas do tronco Macro-Jê, uma vez que, entre estes, há um forte interesse de manter registro de sua cultura e tradições, para que estas não sejam apagadas.

### **METODOLOGIA**

A convite da comunidade indígena Massacará, realizamos uma viagem de campo, com a duração de três dias, para prestigiar a XVI Feira de Cultura Kaimbé, realizada por alunos e professores indígenas.

Assim, imersos na comunidade pelas atividades do evento, pudemos, através de conversações naturais e espontâneas, coletar dados linguísticos dos falantes, a fim de analisar aspectos particulares do vernáculo falado pelo povo Kaimbé, expressados nas contações de histórias e dos costumes.

Após a coleta dos dados, transcrevemos digitalmente a gramática de Mamiani para facilitar futuras pesquisas e a identificação de termos similares aos encontrados na aldeia Kaimbé Massacará. Confrontamos esses dados, também, a dois renomados dicionários de Língua Portuguesa, MICHAELIS Online e Houaiss, e à análise de uma das professoras do Colegio Estadual Indígena Dom Jackson Berenguer Prado.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

<b>Palavra identificada</b>	<b>Dicionário MICHAELIS</b>	<b>Dicionário Houaiss</b>	<b>Aldeia Massacará</b>	<b>Mamiani</b>
ARUPEMBA	Urupema: Espécie de peneira de palha grosseira (...)	S/R	Peneira feita de palha	S/R
BOEDU CRAÊ	S/R	S/R	Cumprimento ao encontrar alguém pela primeira vez	Cayê (k.) manhã.
BOGÓ	S/R	S/R	Utensílio, bolsa feita da fibra do crauá.	Bocó (k.) Algibeira
CRAUÁ	Cruá. Planta trepadeira (Sicana odorifera), da família das cucurbitáceas, nativa de regiões tropicais das Américas (...)	S/R	Planta trepadeira, matéria-prima de diversos adornos indígenas.	S/R
XANDUCA	S/R	S/R	Tipo de cachimbo feito de madeira, onde se colocam ervas para fumo recreativo, ritualístico ou medicinal.	S/R
CATAIOBA	S/R	S/R	Vestuário, adorno indígena, feito da folha da pindoba, crauá ou sisal	S/R
MARACÁ	Chocalho indígena feito de cabaça seca e interiormente limpa, em que se colocam pedras ou frutos (...)	Chocalho indígena feito de cabaça seca (...)	Adorno indígena feito de cabaça ou casca de coco com sementes no interior, utilizado em danças e rituais.	

PAÚ	S/R	S/R	Cano oco de madeira, onde se colocam ervas para fumo ritualístico, medicinal ou recreativo,	S/R
URUCUM	Semente tintorial extraída do fruto do urucum, rica em carotenoide, de longa aplicação na indústria alimentícia, na fabricação de corantes, (...) e também usada em artefatos e cerâmica indígena	Fruto de cuja polpa se extrai corante vermelho.	Planta da qual se extrai uma coloração vermelha, utilizada como corante alimentício.	

**Tabela 1: Comparação entre os vocábulos coletados e seus registros.**

Dos 14 termos levados à análise, 5 não apresentaram resultados, 4 são reconhecidos pelos dicionários de língua portuguesa consultados e 5 representam significado definido para a aldeia, mas não constam nos dicionários. Destes cinco, dois apresentam escrita e significado similares ao que foi descrito por Mamiani em sua gramática: Bogó, descrito por uma moradora da comunidade indígena Massacará como uma bolsa feita da fibra de plantas como o sisal, pode ser derivada de Bocó, registrada por Mamiani com “Algibeira” como tradução para o português. Boedu Craê, descrito por um morador da comunidade indígena Kiriri de Banzaê, que visitava a Feira de Cultura Kaimbé, como um cumprimento que se dá ao encontrar alguém pela primeira vez no dia e Cayê, que, segundo Mamiani, traduz-se como Manhã. Neste último, a similaridade morfológica não é tão óbvia quanto no primeiro exemplo, então, o fator semântico foi definitivo.

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A ocorrência contemporânea de vocábulos comuns ao que foi descrito por Mamiani após doze anos de contato e estudo da língua Kiriri em 1877 evidencia que ainda existem resquícios vivos do tronco Macro-Jê na comunidade indígena Massacará e nas comunidades circunvizinhas. A ausência de registro dessas palavras em dicionários de língua portuguesa mostra que não eram de uso da língua geral, falada e aprendida nas aldeias no período de catequese, fazendo de termos como os que foram analisados e comparados aos contidos na Arte de Grammatica da Lingua Brasilica da Naçam Karirí sinais de resistência da língua Kariri e sua sobrevivência entre seu povo.

### **REFERÊNCIAS**

MAMIANI, Luiz Vincencio. 1877 [1699]. Arte de Grammatica da Lingua Brasilica da Naçam Karirí. 2 ed. Rio de Janeiro: Bibliotheca Nacional, 1877. (Edição fac-similar)

RODRIGUES, Aryon Dall'igna. Línguas Brasileiras: para o conhecimento das línguas indígenas. 4 ed. São Paulo: Loyola, 2002

SOUZA, Hirão Fernandes Cunha. O português kiriri: Aspectos fônicos e lexicais na fala de uma comunidade do sertão baiano. 2011. 200 f. Dissertação (Mestrado em Língua e Cultura). Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador.